



No Rastro do Açaí: Um Ensaio Fotográfico sobre Trabalho e Sustento na Amazônia

The Açaí Trail: A Photographic Essay on Work and Livelihoods in the Amazon

Aguinaldo de Jesus Moraes Marques ¹

PPGCA – CCNT - UEPA

aguinaldoj2m@gmail.com – <https://orcid.org/0009-0008-8637-2564>

Ana Carolina Brito de Azevedo ²

PPGA-IFCH-UFPA

anacarolinabrito020@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-6033-0058>

Brenda Bandeira de Azevedo ³

PPGA-IFCH-UFPA

brendabandeira20@gmail.com - <https://orcid.org/0009-0009-9967-1296>

¹ Doutorando em Ciências Ambientais pelo programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Estado do Pará, Mestre em Antropologia na área de concentração em Arqueologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará e Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Pará.

² Doutoranda e Mestra em Antropologia, na área de concentração em Bioantropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará. Licenciada em História pelo Centro Universitário FIBRA.

³ Doutoranda e Mestra em Antropologia, na área de concentração em Arqueologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará e Graduada em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará.

Apresentação

Este ensaio fotográfico acompanha o ciclo do açaí (*Euterpe oleracea*) na Amazônia paraense, explorando, por meio das imagens, as dimensões materiais, simbólicas e ecológicas da relação entre o fruto e os extrativistas⁴. Mais do que documentar uma cadeia produtiva, este ensaio busca revelar os sentidos vividos e incorporados do trabalho extrativista, em sua densidade temporal, afetiva e territorial. Através dessa etnografia visual, buscamos ampliar os modos de ver e de conhecer os circuitos do açaí. Não se trata apenas de observar, mas de reconhecer os vínculos profundos entre o fruto, o corpo, o território, entre o tempo dos rios e o tempo do trabalho.

O ciclo inicia-se com o desafio do desembarque no porto da cidade (Figura 1), momento que marca a transição entre dois mundos: o urbano e o ribeirão. As estruturas improvisadas dos portos refletem a adaptação humana às condições naturais impostas pelos rios, que funcionam como estradas líquidas na região amazônica.

Com o nascer do sol (Figura 2), inicia-se a jornada dos extrativistas rumo aos açaizais. A luminosidade matinal que corta as águas espelha o início de um ciclo diário sincronizado com os ritmos naturais, uma característica fundamental das comunidades que dependem diretamente dos recursos florestais. Na Amazônia, o extrativismo não é apenas uma forma de obtenção de recursos naturais, mas uma prática enraizada em saberes tradicionais e modos específicos de relação com o ambiente. Como argumenta Allegretti (1990), o extrativismo assume um caráter de racionalidade ecológica, estruturado por ciclos sazonais, tecnologias locais e formas de manejo sustentáveis, muitas vezes invisibilizadas nas abordagens desenvolvimentistas e capitalistas.

Os açaizais na beira do rio Mocoões (Figura 3) representam mais que uma formação vegetal, constituem um ecossistema manejado pelas comunidades locais há séculos. A predominância destas palmeiras em áreas de várzea demonstra sua adaptação evolutiva aos solos periodicamente inundados, caracterizando um exemplo notável de resiliência biológica.

O açaí também pode ser pensado como marcador bioantropológico: um alimento central na dieta amazônica, densamente calórico, rico em lipídios, e fundamental para sustentar os altos níveis de atividade física associados à vida ribeirinha. Estudos bioantropológicos como os de Piperata (2007, 2008) destacam o papel do açaí na manutenção do balanço energético entre mulheres agricultoras amazônicas, demonstrando como escolhas alimentares são moldadas por demandas corporais, regimes de trabalho e restrições ambientais. Nesse sentido, o açaí é expressão da ecologia local,

⁴Salienta-se que os registros foram realizados de acordo com as etapas permitidas.

mas também da plasticidade humana frente às pressões energéticas e sociais: um alimento que nutre, mas também organiza o cotidiano.

O processo de desencalhar o bote após a colheita (Figura 4) evidencia o conhecimento prático dos ribeirinhos sobre hidrodinâmica e navegação fluvial. Esta técnica tradicional reflete a adaptação cultural às condições específicas do terreno amazônico, onde o manejo da embarcação exige compreensão profunda das marés, correntes e características do leito do rio. Finalmente, o carregamento das rasas de açaí (Figura 5) simboliza a transição do produto da floresta para o mercado. As cestas feitas de fibras naturais carregam não apenas o fruto, mas todo um sistema de conhecimentos e práticas sustentáveis.

Cada imagem deste ensaio está imersa nessa ecologia de práticas. O esforço físico e o saber técnico necessários para escalar as palmeiras, selecionar os cachos e transportar os paneiros não podem ser dissociados das relações familiares, das formas de cooperação comunitária e das memórias que alimentam esse fazer cotidiano. As mãos que colhem o açaí são também mãos que cuidam, que ensinam, que sustentam redes de reciprocidade e pertencimento. Nesse sentido, o trabalho extrativista configura o que Ingold (2011) descreve como uma “vida em movimento”, em que a prática é inseparável da paisagem e do gesto.



1. O desafio do desembarcar do porto da cidade. Autor: Aguinaldo Marques/2025.

Para todos verem: Imagem mostra um porto na beira de um rio amazônico, onde extrativistas de açaí desembarcam de suas embarcações. Vê-se estruturas improvisadas de madeira sobre a água, o momento captura o início da transição entre o mundo urbano e ribeirinho.



2. O nascer do sol marca a partida da cidade para o sítio, registro do Rio Anajás. Autor: Aguinaldo Marques/2025.

Para todos verem: Fotografia de um amanhecer sobre as águas de um rio amazônico, com o sol nascente refletindo raios dourados na superfície da água., a luz dourada do sol ilumina a névoa matinal (longínqua) que paira sobre o rio, criando uma atmosfera que marca o início da jornada diária de trabalho. Silhuetas de palmeiras podem ser vistas ao fundo, demarcando as margens do rio.



3. Aç aizais na beira do rio Mocoões, Anajás-Pa. Autor: Aguinaldo Marques/2025.

Para todos verem: Imagem mostrando uma densa formação de palmeiras de açai às margens do rio Mocoões, no município de Anajás, Pará. Os açazeiros altos e esguios predominam na paisagem de várzea, com seus troncos finos e copas densas contrastando com o céu. O solo úmido e periodicamente inundado é visível na base das palmeiras, evidenciando o ecossistema de várzea característico. Percebe-se sinais de manejo humano na organização espacial das palmeiras, demonstrando a interação entre comunidades locais e este ambiente ao longo de gerações.



4. O desencalhar do bote após a retirada do açai. Autor: Aguinaldo Marques/2025.

Para todos verem: Fotografia mostrando extrativistas ribeirinhos em pleno esforço para desencalhar um bote de madeira que será carregado com açai. Na imagem, veem-se homens dentro d'água, usando força física e técnicas tradicionais para empurrar a embarcação que ficou presa no leito do rio, possivelmente devido à maré baixa ou banco de areia. A cena ilustra o conhecimento prático sobre navegação fluvial e o esforço físico envolvido no trabalho extrativista amazônico. Ao fundo, observa-se a vegetação típica de várzea com palmeiras de açai.



5. Carregamento do bote com rasas de açaí em direção a cidade. Autor: Aguinaldo Marques/2025.

Para todos verem: Imagem de um bote de madeira tradicional amazônico navegando pelo rio, completamente carregado com rasas (cestas) feitas de fibras naturais repletas de frutos de açaí recém-colhidos. Trabalhador ribeirinho está a bordo na ponta da embarcação, sendo conduzida em direção à cidade para comercialização das rasas. As cestas estão empilhadas de forma organizada, demonstrando a experiência dos extrativistas em equilibrar a carga. Ao fundo, vê-se a paisagem de floresta amazônica e o céu parcialmente nublado, enquanto a água do rio reflete a luz do dia.

REFERÊNCIAS

Allegretti, Maria Helena. 1990. Estratégias para o desenvolvimento sustentável da Amazônia: as reservas extrativistas. *Estudos Avançados*, 4(9), 183–209.

Ingold, Tim. 2011. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. London: Routledge.

Piperata, Barbara Ann. 2007. Nutritional status of Ribeirinhos in Brazil and the nutrition transition. *American Journal of Human Biology*, 19(4), 484–494.

_____. 2008. Forty days and forty nights: a biocultural perspective on postpartum practices in the Amazon. *Social Science & Medicine*, 67(7), 1094–1103.

Recebido em 26 de junho de 2025.

Aceito em 21 de julho de 2025.